

## **INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA:** discutindo o conceito de Lugar por meio do romance – “O Cortiço”

*Rafael Alves de Freitas*  
*José Silvan Borborema Araújo*

**Resumo** A interdisciplinaridade é uma realidade que não pode ser negligenciada pelo professor, pois passamos por um momento em que tal prática se faz necessária como estratégia pedagógica a fim de aproximarmos o aluno do conhecimento que se deseja transmitir a ele, ao mesmo tempo em que se criam conexões entre diferentes disciplinas. Nesse sentido, este artigo tem a função de promover por meio do romance – “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, uma possibilidade interdisciplinar entre Geografia e Literatura, tendo o conceito de Lugar como referencial teórico para as discussões críticas presentes no romance, uma vez que Azevedo expõe uma realidade vivida por moradores de cortiços da cidade do Rio de Janeiro dos fins do século XIX e que podem ganhar novos olhares por meio da Geografia e do conceito de Lugar aqui trabalhado. Para tanto, buscamos uma metodologia que dialogasse com as diferentes visões de alguns autores selecionados acerca do referido conceito e como essa categoria de análise pode ser depreendida por meio de uma leitura do romance, onde o lugar ganha novos significados através da produção e reprodução dos personagens pelo espaço vivido por eles.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; O Cortiço; Literatura; Geografia; Lugar.

## **INTERDISCIPLINARITY IN GEOGRAPHY TEACHING:** discussing the concept of place through the novel - "The Slum"

**Abstract:** Interdisciplinarity is a reality that cannot be neglected by the teacher, because we go through a time in which such practice becomes necessary as a strategic pedagogical approach to bring the student closer to the knowledge process, while creating connections between different disciplines. In this sense, this article has the function of promoting through Aluísio Azevedo's novel - "The Slum", an interdisciplinary possibility between Literature and Geography, having the concept of Place as theoretical reference for the critical discussions presented in the novel, as Azevedo exposes the reality lived by slum residents at Rio de Janeiro city by the end of the 19th century, and this can be seen from a different way through the Geography approach and the concept of Place that is presented here. For this, we seek a methodology that dialogues with the different views of some selected authors about the concept and how this category of analysis can be understood through the reading of the novel, where the Place achieves new meanings through production and reproduction of the characters by the space where they lived.

**Keywords:** Interdisciplinarity; The Slum (The Cortiço); Literature; Geography; Place.

## **INTERDISCIPLINARITÉ DANS L'ENSEIGNEMENT DE LA** **GÉOGRAPHIE:**

la discussion du concept de lieu à travers le roman - "Botafogo"

### **Résumé**

L'interdisciplinarité est une réalité qui ne peut être négligée par l'enseignant, car nous traversons une période où une telle pratique se fait nécessaire en tant qu'approche pédagogique stratégique pour rapprocher l'étudiant du processus de connaissance, tout en créant des liens entre différentes disciplines. En ce sens, cet article a pour fonction de promouvoir, à travers le roman d'Aluísio

Azevedo - "Botafogo", une possibilité interdisciplinaire entre littérature et géographie, le concept de Lieu étant considéré comme une référence théorique pour les discussions critiques présentées dans le roman, comme Azevedo l'expose. La réalité vécue par les habitants des bidonvilles de la ville de Rio de Janeiro à la fin du XIXe siècle peut être vue différemment à travers l'approche Géographie et le concept de Lieu présenté ici. Pour cela, nous recherchons une méthodologie qui dialogue avec les différents points de vue de certains auteurs sélectionnés sur le concept et comment cette catégorie d'analyse peut être comprise à travers la lecture du roman, où le concept de Lieu obtient de nouvelles significations par la production et la reproduction des personnages selon l'espace où ils vivaient.

**Mots-clés:** Interdisciplinarité; Botafogo (O Cortiço); Littérature; Géographie; Lieu.

## Introdução

*Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava,  
abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas  
e janelas alinhadas.  
Aluísio Azevedo*

Este artigo expõe a necessidade de uma prática interdisciplinar, uma vez que o professor de Geografia diante de um cenário de mudanças em vários segmentos e com impactos dentro e fora da sala de aula, precisa criar mecanismos para que o aluno não veja as categorias e conceitos geográficos como estanques e distantes da realidade dele.

Nesse sentido, buscamos aliar Geografia e Literatura, por meio do romance – “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, pois entendemos a importância dessa obra para os contextos social, urbano e político da cidade do Rio de Janeiro do fim do século XIX, hoje capital do estado em que leva o mesmo nome.

Dessa forma, a partir da Literatura, os alunos podem ser despertados a terem um senso crítico e reflexivo, tal como pensar, questionar, debater, inferir etc, sobre o espaço geográfico dentro das obras literárias, e com isso, trazer para sua realidade escolar e fora dela essa criticidade tão importante não só para aquilo que se espera da Geografia, como para a sua própria formação enquanto cidadão consciente dentro da sociedade. Zilberman (2009, p. 35) nos aponta que:

Conseqüentemente, a proposta de que a leitura [de Literatura] seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Deste intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre texto e leitor, emerge a possibilidade de um conhecimento real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete.

Com isso, o nosso esforço é fazer uma leitura geográfica desse romance, tendo o Lugar como categoria de análise que nos ajuda a entender o espaço vivido pelos personagens e todas as problemáticas típicas do contexto em que essa obra se insere, entendendo então um pouco da realidade carioca por meio do comportamento dos personagens, suas interações, seus dramas e a forma como cada qual estabelece vínculos com o lugar de vivência

e convivência em que estão inseridos. Logo, esses novos objetos geográficos passam a ser o lugar de vida para muitos residentes da cidade do Rio de Janeiro daquela época.

Portanto, a relevância da categoria de Lugar se verifica na medida em que é a partir dela que os indivíduos conseguem estreitar laços com o espaço vivido, bem como entender os fatos históricos e as demais situações recorrentes do dia a dia. O Lugar permite uma ampla visão dos fenômenos, tendo em vista que as noções espaciais se tornam mais eficazes quando tomam como ponto de partida os lugares próximos, ou seja, onde ocorrem as vivências cotidianas e experiências simbólicas. Segundo Milton Santos - “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2002, p. 161).

Dessa forma, utilizaremos uma metodologia bibliográfica que seja possível estabelecermos uma discussão do Lugar, explorada por meio de autores de relevância para o referido conceito, tendo o romance como objeto de análise espaço-temporal.

Assim, a estrutura deste artigo divide-se em três partes. Na primeira parte, nosso objetivo é apresentar a relação entre Geografia e Literatura, e para tal, discutiremos sobre algumas das reflexões acerca da prática de ensino em Geografia, por meio da interdisciplinaridade, tendo o romance – “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, como foco dessa prática interdisciplinar.

Na segunda parte, nosso objetivo é apresentar o contexto histórico- geográfico em que o romance foi escrito. Enquanto na terceira e última parte, nosso objetivo é discutir de forma mais pontual o conceito de Lugar por meio da obra, enquanto categoria de análise que nos oferece ferramentas para o entendimento crítico do romance, aliando como já mencionado, as disciplinas de Geografia e Literatura.

Por fim, teremos as considerações finais, reconhecendo que não temos a pretensão de esgotarmos o assunto por meio deste artigo, afinal, o conceito de Lugar nos oferece diversas análises dentro dos mais variados contextos. Cabe a nós, educadores, a criação de estratégias pedagógicas interdisciplinares, colocando o aluno como protagonista dentro dessa estratégia, em que ele reconheça a Geografia no seu dia a dia, e tendo o romance como ponto de partida para essa tomada de reconhecimento, para que a construção do ensino-aprendizagem aconteça de fato.

## **Reflexões sobre interdisciplinaridade e prática de ensino em Geografia**

A sociedade tem presenciado mudanças em diversas esferas há vários anos, com os mais variados campos do saber buscando se adaptarem e tentando encontrar respostas para as transformações que se processam no espaço, e claro, no que diz respeito à educação não seria diferente (CAVALCANTI, 2002).

Na área da educação, podemos evidenciar que nos dias de hoje, a perspectiva pós-moderna do processo de ensino-aprendizagem é caracterizada pela prática da interdisciplinaridade, pelo multiculturalismo, pelos trabalhos empíricos de campo, pela diversidade metodológica e didática, incluindo os recursos tecnológicos, dentre outros

elementos relevantes ao tema, ou seja, passamos por um momento onde as práticas tradicionais de ensino - onde o professor era visto como a figura autoritária em sala de aula, cabendo ao aluno apenas a ação mecânica de copiar e decorar informações prontas e acabadas, desconsiderando inclusive a realidade do aluno para o processo de aprendizagem - têm sido repensadas mediante as abordagens contemporâneas/críticas.

Enquanto que para a Geografia que vem, desde a década de 1970, buscando aprimorar as suas formas de atuação tanto a nível acadêmico científico, quanto a nível escolar, tendo em vista o desenvolvimento da Geografia Crítica<sup>1</sup>, em que a ciência produzida nas academias que antes distante, inclinou-se para uma relação mais intensa com a realidade escolar, gerando uma mudança de perspectiva ao aproximar ambas.

Ainda nesse sentido, ao trazermos esses elementos pós-modernos para o ensino de Geografia, e aqui o que nos interessa é a interdisciplinaridade, o aluno precisa entender que os eventos que se sucedem no espaço não são isolados e que a Geografia é uma disciplina contextualizada, e que por isso mesmo se conecta com várias outras disciplinas, ou seja, a Geografia não pode ser encarada pelos alunos como isolada, distante e estanque que se baseia unicamente em decoreba. Por isso:

Ensinar Geografia utilizando múltiplas linguagens como recurso metodológico é uma estratégia para que as aulas se tornem mais interessantes e, assim, despertem a atenção dos alunos, propicie a articulação dos saberes e aproxime o conteúdo da aula à realidade, já que, muitas vezes, parece distante da vida cotidiana (DIAS; LIMA; MORAIS, 2012, p. 11).

Esse exercício deve se assentar na reflexão docente sobre sua prática e a realidade na qual está inserido juntamente com a realidade escolar – já que essa realidade difere de uma escola para outra - para a tomada de consciência interdisciplinar. Desse modo, a partir da consciência docente sobre sua prática e realidade escolar, que o professor tenha discernimento para trazer a teoria contida nos livros e material didático para a vida cotidiana dos alunos e assim, a construção do ensino-aprendizagem ocorra de fato (CASTROGIOVANNI, 2000).

Cavalcanti (2002) reforça essa importância na abordagem de uma geografia escolar mais crítica e que supere os métodos tradicionais de ensino. Nesse sentido, entendemos que a formação de um professor pesquisador/reflexivo, que pense sobre a sua formação e sua prática enquanto docente e agente modelador do espaço – e aqui está incluído o ambiente escolar -, que instigue os alunos, a partir do seu espaço cotidiano, a pensar as transformações e problemáticas que estão acontecendo no espaço e que eles se sintam participantes desses processos é um caminho possível para a construção de indivíduos conscientes sobre suas ações no espaço.

Logo, reconhecendo essas mudanças e na necessidade de se pensar em novas estratégias pedagógicas para o ensino de Geografia, devemos ter a compreensão sobre os conteúdos geográficos escolares, que requerem, acima de tudo, a contextualização dos objetos de conhecimento e suas ligações com a prática humana, como Libâneo ressalta – “O que se agrega aqui, em termos de pensar crítico, é a capacidade de problematizar, ou seja, de

aplicar conceitos como forma de apropriação dos objetos de conhecimento a partir de um enfoque total da realidade” (LIBÂNEO, 2003, p. 37).

Dito isso, propomos o diálogo entre Geografia e Literatura, por entendermos a importância da interdisciplinaridade, e ainda como recurso pedagógico para o conhecimento por parte dos alunos dos conceitos e categorias da Geografia, como o conceito de Lugar.

Dessa forma, verifica-se que as obras literárias descrevem conjunturas que permitem a identificação das experiências vividas em contextos diversos, mas que perpassa recortes temporais previamente estabelecidos, permitindo a leitura de processos que se efetivam na atualidade, contribuindo, assim, para a promoção de releituras do lugar, a partir de perspectivas com objetivos específicos, mas complementares. As obras literárias, em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade, mas a realidade que a cerca, no caso, as características peculiares do lugar retratado na ficção (LIMA; VIANA, 2017, p. 206).

Portanto, a utilização de obras literárias no ensino de Geografia se constitui como uma proposta renovadora interdisciplinar para a discussão que aqui propomos. Para Pontuschka (2009, p. 230): “A interdisciplinaridade, tendo muitas vezes a literatura como foco, cria oportunidades objetivas de trabalho que merecem ser mais bem exploradas na educação [...]”.

Nessa direção, podemos destacar apoiados em Farias (2014), que a interdisciplinaridade se faz necessária, mas enquanto um desafio a ser adotado e praticado tanto na academia quanto na escola e menos enquanto resposta pronta e acabada. Esse autor ainda ressalta que a interdisciplinaridade é um conceito que pode ser entendido como a integração de duas ou mais áreas do saber para investigações mais analíticas, mas não é somente isso, pois é preciso que esse conceito nos remeta em última análise, a caminhos novos do conhecimento que em uma única área/disciplina separadamente não seria possível conhecer. Novamente segundo esse autor (2014, p. 59):

[...] a interdisciplinaridade, em quaisquer das suas perspectivas, procura reestabelecer o diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, entender melhor a relação entre o todo e as partes, restituir a integração entre as particularidades e a totalidade, entre a unidade e a diversidade.

Importante destacarmos também que a Literatura é pouco ou mal utilizada no campo geográfico, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais vejam o seu uso como uma nova possibilidade por meio da interdisciplinaridade no ensino de Geografia. De acordo com os PCN's é possível aprender Geografia com ajuda da leitura de alguns autores/clássicos da Literatura brasileira.

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, mediante a leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros) [...] (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 33).

Desse modo, o uso de obras literárias no ensino de Geografia deve ser encarado pelo professor como possibilidade para novas práticas educativas, em que a ciência geográfica lança mão de recursos didáticos que podem ganhar destaque no processo de ensino-aprendizagem, além da inserção da proposta interdisciplinar como boa estratégia para o aprendizado dos conteúdos trabalhados com os alunos.

Sobre essa questão, Moreira (2010) considera que a relação entre Geografia e Literatura, além de ser possível, de fato existe, sendo que o que permeia essa relação é a categoria de Espaço. Ainda segundo esse autor, não existe tempo fora do espaço e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço-temporal.

Em linhas gerais, as obras literárias possibilitam um amplo conhecimento ao aluno por considerarmos que ao mesmo tempo em que alimentamos a leitura desses clássicos neles, estimulando-os, discorremos sobre o passado histórico-geográfico da conjuntura das obras para o entendimento do presente, enquanto espaço e tempo dentro da perspectiva da realidade do aluno, possibilitando ainda o conhecimento do que até então era desconhecido por ele.

Segundo Barcellos (2009), as obras literárias se apresentam como um rico material a ser estudado pela Geografia, pois elas evocam a essência dos lugares e o cotidiano dos personagens.

A leitura de um modo geral é um recurso de fundamental pertinência para a compreensão do espaço. Por meio dela, o homem pode descobrir o mundo e a si mesmo num processo de descobertas/redescobertas de horizontes frente aos fatos e discursos experienciados no cotidiano. De acordo com Paulo Freire (2001, p. 261):

[...] entendendo-se aqui como 'leitura do mundo' a 'leitura' que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da 'cotidianidade'. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora à leitura anterior do mundo.

Por tudo isso, chamamos a atenção para o romance "O Cortiço", de Aluísio Azevedo, pois é uma obra que retrata um momento de organização e produção do espaço urbano da



cidade do Rio de Janeiro e traz aspectos analíticos importantes para a compreensão espacial da época e que refletiriam no formato e hábitos dos cidadãos cariocas em épocas posteriores.

Analisados sob a ótica do conceito de Lugar, esta articulação entre Geografia e Literatura possibilita ao professor jogar luz sobre aspectos e problemáticas que perduram até hoje, como a problemática da moradia, que poderiam não ser percebidos se trabalhados nas disciplinas de forma isolada. Além disso, a compreensão da realidade por parte dos alunos acontece de forma mais próxima ao cotidiano individual, porque eles vivem a cidade e percebem esse fenômeno no espaço em que habitam e/ou transitam.

O ensino do conceito de Lugar nos remete a uma formação de alunos que aprendam desde cedo a terem noções espaciais concretas quanto ao lugar que eles estão inseridos e suas implicações sociais, culturais, políticas, entre outras. Esses aprendem a noção do valor simbólico presente em cada lugar a partir do “lugar” deles próprios e de suas vivências.

Então:

Sendo assim, torna-se fundamental o ensino e a inclusão da categoria ‘Lugar’ no meio escolar como forma de trazer os estudantes para uma ciência geográfica mais próxima de sua realidade, haja vista que estudar uma realidade conhecida torna-se um agente facilitador no processo de aprendizagem além de instigar os mesmos a refletir sobre o meio que estão inseridos (CASTELLAR, 2000, p. 32).

Cavalcanti (2002) confirma essa ideia quando defende a educação geográfica na escola como possibilidade de levar uma consciência de espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam e que alcance as pessoas em geral, através do entendimento de suas realidades, tendo o lugar como ponto de partida para a compreensão do espaço de forma geral.

Nesse sentido, a prática aqui defendida é aquela que oferece uma nova perspectiva de leitura, que vá além da estética literária da qual o romance em questão se insere, mas também e principalmente, que o aluno depreenda aspectos de investigação da ciência geográfica. O nosso esforço/desafio é justamente esse: discutir o conceito de Lugar por meio do romance – “O Cortiço”, para o entendimento da construção do espaço vivido pelos personagens, suas relações, identidades, valores, simbolismo etc.

Nessa direção, ao trazermos a obra – “O Cortiço” como objeto de estudo para a Geografia, oportunizamos um conhecimento diferenciado, com base nos aspectos do espaço geográfico do romance. Com isso, descortinamos a ideia de espaço vivido – LUGAR, sendo esse construído e reconstruído diariamente por cada ação dos personagens. Segundo Martins (2007, p. 65):

A construção da capacidade de produzir e compreender as mais diversas linguagens está diretamente ligada a condições propícias para ler, para dar sentido ou atribuir significado a expressões formais e simbólicas, representacionais ou não, quer sejam configuradas pela palavra, quer pelo gesto, pelo som, pela imagem. E essa capacidade relaciona-se em princípio com a aptidão para ler a própria realidade individual e social.

Diante do exposto, o exercício da reflexão sobre a prática pedagógica pode direcionar o professor a trabalhar a interdisciplinaridade como via possível para a construção de uma Geografia mais próxima da realidade do aluno, em que busque, através da realidade dele, do seu espaço próximo, a compreensão das variadas dinâmicas socioeconômicas, políticas, culturais, presentes no espaço e que influenciam as diferentes escalas, uma vez que, segundo Santos (2009) este espaço é uno, mas também se apresenta em múltiplas possibilidades e recortes espaciais, na tentativa de buscar respostas a partir das partes para a compreensão do total.

Com isso, o professor mediante o romance literário, e aqui tendo “O Cortiço” como objeto de análise espacial e temporal, pode usá-lo para despertar no aluno o conhecimento dos conceitos e categorias da Geografia. Reiteramos essa estratégia pedagógica interdisciplinar, não só para o entendimento crítico da obra, onde o aluno depreenda aspectos históricos e geográficos contidos nela, mas principalmente para o entendimento do Lugar como categoria de análise, enquanto espaço vivido pelos personagens.

Esse espaço vivido da obra funciona como analogia para que os alunos percebam que a partir das suas próprias realidades locais, que seja possível extrair diversos outros conceitos geográficos, e que esses conceitos não estão distantes da realidade deles, podendo gerar com isso discussões e atraindo o aluno como protagonista do seu próprio conhecimento. Como nos aponta Santos: “Impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados” (SANTOS, 2002, p. 315).

Em síntese, toda essa discussão nos possibilita entender que é possível aliar a Geografia com a Literatura. A interdisciplinaridade é o canal dessa conexão, na tentativa de aproximarmos o aluno do conhecimento da categoria de Lugar por meio da obra de Azevedo. Destarte, para a compreensão do conceito de Lugar por meio de “O Cortiço”, se faz necessário, antes, o entendimento da obra, em uma tentativa de situá-la no tempo e no espaço e sua importância para a análise da dinâmica socioespacial, econômica e política do Rio de Janeiro do fim do século XIX e início do XX, como veremos na próxima parte.

### **O romance – “O Cortiço”: uma breve contextualização histórica**

O Cortiço, escrito por Aluísio Azevedo, é um romance literário do Naturalismo brasileiro, escrito no final do século XIX, sendo publicado pela primeira vez, em 13 de maio de 1890, e é segundo os críticos, o melhor representante do movimento naturalista no Brasil.

Para entendermos então a narrativa de Azevedo é importante nos situarmos dentro do contexto histórico-geográfico em que esse romance está inserido, contudo, é importante pontuarmos que a obra de Azevedo dialoga, de certa forma, devido à problemática abordada por ele, com a conjuntura social, urbana e política posterior ao do seu lançamento, o que confere a esse romance uma característica de atemporalidade dos fatos narrados.

Dessa maneira, faremos uma contextualização histórica que vai da segunda metade do século XIX até a primeira década do século XX, pois nesse período o Brasil, sobretudo a



capital, o Rio de Janeiro, passou por várias transformações significativas em diversas esferas (VAZ, 1994).

Assim, podemos destacar para esse período mencionado, transformações como a implantação dos sistemas de transporte coletivo (bondes e estradas de ferro), de esgoto, de abastecimento de água, telefone, energia elétrica, além da substituição do trabalho escravo pelo assalariado, a crise das lavouras de café no Rio de Janeiro por falta de mão de obra escrava e consequentemente a introdução de políticas de imigração para o país, e um importante crescimento demográfico entre os anos 1870 e 1890, que significou quase o dobro da existente no início desse mesmo período (VAZ, 1994).

Nessa direção, ao analisarmos com um pouco mais de atenção, percebemos que o contexto histórico da segunda metade do século XIX foi caracterizado pela consolidação do poder da burguesia, o materialismo e o crescimento do proletariado. Se por um lado havia o crescimento das cidades pelo advento do progresso, por outro, havia também o crescimento de áreas pobres dentro dessas cidades, onde residiam os operários (SODRÉ, 1965).

Já o final do século XIX foi marcado pela força da ciência e da razão, e que muitos acreditavam que tanto uma quanto a outra dariam conta de explicar todos os fenômenos da sociedade. Além disso, nos anos de 1888, a escravidão deixa de existir ainda que na teoria, pois na prática as relações entre brancos e negros ainda se davam de forma muito marginalizadas e preconceituosas, mesmo com a assinatura da Lei Áurea, e em 1889, o Brasil deixa de ser um Império, tornando-se uma República (SODRÉ, 1965).

No Brasil, com o início da República, a elite buscava inspiração em modelos estrangeiros, principalmente na arquitetura francesa. No contexto da cidade do Rio de Janeiro, o objetivo era encontrar meios de conter os efeitos da desorganização social decorrente do crescimento populacional em cortiços, do surgimento de várias doenças, que se acreditava que seria em virtude das más condições habitacionais desses lugares e ainda aliado à ausência de políticas públicas habitacionais. Para obter progresso, mas tendo a população pobre como empecilho, a cada novo passo dado ficava mais evidente a falta de políticas públicas dos governantes em resolver os problemas sociais dessa camada da sociedade (SODRÉ, 1965).

Desta forma, a cidade do Rio de Janeiro, no dia 26 de janeiro de 1893, assistiu a derrubada do mais famoso cortiço que já existiu - “Cabeça de Porco”, que ficava na altura do nº 154 da Rua Barão de São Félix, na Gamboa, onde foi construído posteriormente o túnel João Ricardo. Esse cortiço era visto à época como morada de malandros criminosos, onde se estima ter habitado cerca de quatro mil pessoas. O ato de demolir esse cortiço – que era o tipo de habitação popular predominante - foi realizado pelo então prefeito, Barata Ribeiro, acompanhado por cavalaria, infantaria e polícia civil (RODRIGUES, 2009). Entretanto, Azevedo (2016) indica que a “intervenção” policial nos cortiços do Rio de Janeiro do final do século XIX era frequente contra os moradores que lá moravam. A figura 1 nos mostra, por meio de uma capa de revista da época, em tom de crítica, o que a imprensa/mídia entendia acerca dessa demolição.

Figura 1: Capa da revista com charge sobre o cortiço – “Cabeça de Porco”



Fonte: REVISTA ILUSTRADA, 1893.

A charge nos mostra a cabeça de um porco chorando, sendo servida em um prato, enquanto uma barata rói a sua cabeça, anunciando o fim do famoso cortiço.

Já na entrada do século XX, após gestões breves de treze prefeitos que sucederam Barata Ribeiro, foi nomeado como prefeito do Distrito Federal, hoje a cidade do Rio de Janeiro – Francisco Franco Pereira Passos, pelo então Presidente da República, Rodrigues Alves. O mandato de Pereira Passos como era chamado, que tomou posse no dia 30 de dezembro de 1902 foi até o ano de 1906 (BENCHIMOL, 1990).

Portanto, chegamos ao momento onde dois pontos são os mais emblemáticos da administração de Pereira Passos – (Política do Bota-abixo e a Revolta da Vacina), sendo que estão associados ao mesmo objetivo: o de formar uma cidade higiênica (salubre). Para isso, foi exigida a vacinação dos moradores de cortiços e afins contra as principais epidemias instaladas na cidade, e a segunda, com o processo de demolição de enumeráveis moradias populares, mais especificamente as coletivas, como os cortiços, e que ficou conhecido como política do Bota-abixo.

Essa política higienista tinha a visão de que certos lugares com alta concentração de proletários serviriam para a propagação e difusão de várias doenças (SANTOS, 2006). Essa ideia na verdade, escondia os reais interesses, visto o contexto das reformas urbanísticas, em que os cortiços, principalmente os das áreas centrais da cidade não teriam mais espaço no

cenário carioca, contrariando o direito à cidade para uns em detrimento de outros grupos hegemônicos (LEFEBVRE, 2001).

Em consequência dessas medidas promovidas por Passos, eclodiu-se aquilo que ficou conhecido como a Revolta da Vacina, gerando desconfiança e medo por parte dos moradores de habitações coletivas, que resistiram à vacinação, por acreditarem que a vacina seria uma forma de conter o crescimento da população, matando-os. Ficou a cargo do médico e sanitarista Oswaldo Cruz, nomeado por Passos para colocar em prática tais medidas.

Com o aumento populacional e a necessidade de adaptar a cidade às novas funções capitalistas é que foram realizadas grandes reformas urbanas em várias cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, o protótipo dessas reformas, como proposto na gestão de Pereira Passos, tratava-se de adequar a cidade às necessidades reais de criação, concentração e acumulação do capital, ou seja, à expansão das atividades capitalistas na cidade, pelo advento do aumento da industrialização e do rápido crescimento da economia brasileira. Ainda com o aumento das exportações e consequente integração do país no contexto capitalista internacional para alcançar a tão almejada estrutura urbana, a cidade não poderia mais ter o aspecto desordenado causado pelos cortiços e habitações populares em geral, com ruas estreitas e poucas avenidas para mobilidade na área central da cidade (ABREU, 2006).

Logo, por meio dessas contribuições históricas, os naturalistas iniciaram as análises do comportamento humano e social como verificado em seus romances, onde “O Cortiço” faz parte. O objetivo literário do Naturalismo era alcançar as resoluções ou reivindicações de problemas, principalmente os de cunho social. Na obra de Azevedo, é possível inferirmos então o conflito de classes, por meio do capitalismo, a desigualdade, a segregação socioespacial e diversas críticas às mazelas da sociedade à época.

O conceito de Lugar quando analisado por meio dessa obra, nos oferece indícios para o entendimento, principalmente crítico, da conjuntura do momento de transformação social e urbana em que o romance foi escrito. O lugar da obra é então carregado de elementos de conflitos e interesses. Esses elementos dão forma ao cenário descrito/narrado, inclusive no que se refere ao pertencimento do espaço vivido pelos personagens. E é essa discussão que faremos a partir de agora.

### **A leitura do romance pelo viés do Lugar da Geografia**

Mediante ao que foi exposto até aqui é possível com a ajuda do romance “O Cortiço”, entendermos o conceito de Lugar, uma vez que, esse conceito é aquele voltado às características de afeto ou aversão que o indivíduo estabelece com o lugar no qual ele esteja inserido. O Lugar para a Geografia é aquele onde o indivíduo mantém relações diárias, intrinsecamente relacionadas à sua cultura e o grau de modificação com que o indivíduo altera o espaço vivido e por ele também é alterado, afinal, é o seu espaço próximo, da sua cotidianidade.

É importante neste momento da discussão entendermos qual é o real interesse do conceito de Lugar<sup>ii</sup>, para evitarmos erros e equívocos na sua interpretação.

Dessa maneira:

Um primeiro aspecto a ser considerado, muito corrente por sinal no discurso geográfico, relaciona-se à falta de rigor conceitual que proporciona o tratamento do lugar como um substantivo comum, uma simples palavra, sinônimo de local. Na linguagem do senso comum isto talvez possa parecer livre de causar qualquer tipo de confusão no entendimento do que se quer apontar. Todavia, no campo das ciências sociais, é importante que lembremos as diferenças fundamentais que se podem estabelecer entre o lugar e o local (BARTOLY, 2011, p. 67).

Para Ana Fani Carlos (2007, p. 17), o conceito de Lugar pode ser assim definido:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Podemos então aproximar o conceito da autora mencionado com as ações do personagem português João Romão. Romão por ser um personagem que almeja a todo tempo ascender socialmente, faz do seu lugar enquanto espaço vivido, palco das ações que transformam esse lugar através da construção material e imaterial – (simbólica) por meio da identidade dos moradores do cortiço.

Essa identidade diz respeito, inclusive, ao determinismo presente na obra de Azevedo. Com isso, percebemos que o lugar molda o comportamento dos moradores, fazendo com que eles tomem atitudes que os colocam dentro de uma cultura em comum, compartilhando dessa forma valores e estilo de vida.

Podemos entender ainda a relação do lugar no comportamento do personagem, e mais uma vez apoiados na referida citação, como uma estratégia de se pensar o espaço enquanto apropriação capitalista pelo seu valor de troca, em detrimento ao seu valor de uso. Afinal, Romão é o responsável pela idealização do grande cortiço onde o romance é narrado, e considerado como a figura capitalista da obra, onde o duelo com Miranda se faz presente ao longo da narrativa, visto que este faz parte da burguesia, já aquele pertence ao proletariado em ascensão.

Nessa perspectiva, conforme escrito por Azevedo: “Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores” (AZEVEDO, 1997, p. 3).

O Lugar na Geografia se torna então um conceito dialético, polissêmico e como nos aponta Souza (1997), com múltiplas possibilidades de interpretação, devido ao seu caráter subjetivo, o que resulta em várias adjetivações desse conceito, como lugar da existência, da coexistência, da copresença, da solidariedade, do singular, do subjetivo. Ainda segundo a autora supracitada, os lugares são dotados de contradições, se mostrando por vezes perversos e conduzindo o cotidiano dos indivíduos rumo à fatalidade.

Nesse contexto, quando olhamos para o personagem Jerônimo, também imigrante português, percebemos o determinismo do meio atuando sobre ele. Jerônimo, que era um trabalhador sério, firme, honesto, resolve se mudar para “O Cortiço” e lá conhece Rita Baiana, que segundo Azevedo (2016, p. 74) “*é a personificação de uma mulata luxuriosa*”. Nesse enredo, todos os moradores que lá moravam eram malandros e preguiçosos e tendo Rita Baiana como um desses moradores e de grande importância para o romance. Logo, Jerônimo se corrompe pela influência do meio, “*abrasileirando-se*”, segundo palavras do próprio narrador, que nesta obra se caracteriza como sendo narrador onisciente em terceira (3ª) pessoa, o que corrobora com o tom crítico desse romance - “(...) O tal seu Jerônimo, dantes tão apurado, era agora o primeiro a dar o mau exemplo! Perdia noites no samba! Não largava os rastros da Rita Baiana e parecia embeijado por ela!” (AZEVEDO, 2016, p. 63). Portanto, percebemos essa perversidade do lugar – “O Cortiço”, moldando personalidade e comportamento, levando a mudanças de hábitos e posturas.

Para Tuan (1983) o Lugar faz parte das percepções dos sentidos. Ele ainda afirma que o Lugar é aquele onde o indivíduo mantém relações de afeto e por meio dos seus sentimentos, emoções, experiências, consegue estabelecer vínculos com esses lugares.

Isso pode ser observado na personagem Bertoleza, uma escrava, mas que acredita estar alforriada por Romão, contudo descobre no final que na verdade sempre foi escrava, e em um gesto de desespero, acaba cometendo suicídio - “Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravaria, recuo de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado [...]” (AZEVEDO, 2016, p. 130). Nesse sentido, Azevedo nos conta sobre Romão: - “Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua” (AZEVEDO, 2016, p. 02).

Para Bertoleza, o sentimento de ser “livre”, fazia dela a pessoa mais feliz que ela jamais fora algum dia em que “esteve escrava”, o que mostra sentimentos e emoções para com o lugar dela de vivência, pois embora trabalhasse dia e noite, não se via escrava, pois comia, bebia e ainda dormia em uma “cama boa”. O lugar de vivência para Bertoleza era tão cômodo, que não enxergava as reais intenções de Romão. Na verdade, ele queria uma escrava e não uma esposa. E foi exatamente essa mentira que levou Bertoleza a viver em um lugar contraditório ao sentimento expresso por ela.

De acordo ainda com Tuan (1980), para entendermos o conceito de Lugar é importante reconhecermos também a topofilia e topofobia estabelecida entre o indivíduo e o lugar onde ele esteja inserido. Em linhas gerais, dizemos que topofilia é a característica ligada ao afeto, ao sentimento de pertencimento, de memória afetiva, ou seja, características que ligam positivamente o indivíduo ao lugar. Enquanto topofobia diz respeito à aversão, ao



medo, ao desprezo, a indiferença entre o indivíduo com o lugar que ele esteja ou tenha saído, sem que ele não queira retornar.

No romance, Azevedo estabelece como crítica social esse sentimento de topofobia, o que pode ser depreendido diversas vezes pela forma com que ele descreve “O Cortiço”, sempre escolhendo adjetivos pejorativos. Essa visão de Azevedo parte da própria visão da sociedade à época, em que viam certas habitações populares, no caso, o próprio cortiço, como sendo um lugar palco das manifestações mais “sujas”, do ponto de vista da moral e dos bons costumes. Conforme destaca Azevedo (2016, p. 69):

Lá no cortiço, de portas adentro, podiam esfaquear-se à vontade, que nenhum deles, e muito menos a vítima, seria capaz de apontar o criminoso; tanto que o médico, que, logo depois da invasão da polícia, desceu da casa do Miranda à estalagem, para socorrer Jerônimo, não conseguiu arrancar deste o menor esclarecimento sobre o motivo da navalhada. “Não fora nada!... Não fora de propósito!... Estavam a brincar e sucedera aquilo!... Ninguém tivera a menor intenção de fazer-lhe a moça (*sic*)! [...]”

O Lugar assume diversas interpretações, como já mencionado, e esse caráter polissêmico surge devido ao subjetivismo dado aos lugares, muito em virtude de ser um conceito que depende do sujeito que o apreende. Assim, sobre o Lugar, mas na perspectiva de Milton Santos (2009, p. 218), temos:

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Dito isto, partimos do pressuposto de que o Lugar é palco das mais diversas manifestações, sendo um espaço fluido por onde se processam as transformações do local, mas que também impactam o global. Esse lugar – (O Cortiço) é dotado de espontaneidade e criatividade quando seus indivíduos/moradores “personalizam” esse lugar enquanto modeladores de suas próprias culturas, resultando assim nas suas identidades. Isso pode ser verificado na narrativa de Azevedo, quando observamos o narrador descrevendo o surgimento dos cortiços e de seus personagens, e já revelando um tom de crítica para o problema da moradia à época – ou melhor, para a falta de moradia e conseqüentemente a criação de habitações coletivas:

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva,



uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 2016, p. 08).

O Cortiço se destaca por descrever psicologicamente os personagens, mas principalmente por descrever o lugar enquanto palco das relações interpessoais desses personagens em seus dilemas e conflitos internos e com o outro. Trazendo essa análise para a Geografia, é possível inferirmos que esse lugar do cortiço sofre influência dos contextos social, urbano e político dos quais vivia a população pobre da cidade do Rio de Janeiro do fim do século XIX. Nesse cenário, segundo Corrêa (2004, p. 09):

[...] a cidade é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc.

Azevedo retrata personagens pobres e marginalizados, como escravos, ex-escravos, operários, lavadeiras, prostitutas, nordestinos, homossexuais etc. Esses personagens se desenvolvem em suas tramas tendo “O Cortiço” como lugar que ganha destaque pelo seu caráter personalizado, afinal, para muitos críticos da obra, “O Cortiço” é como um personagem dentro do romance, e considerado até como o principal, o que nos ajuda a entender a força da coletividade sobre o individual. Talvez tenha sido essa a intenção de Azevedo na construção de sua obra. Ele ainda nos fala do ritmo de crescimento do cortiço:

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construía-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor [...] Não obstante, as casinhas do cortiço, a proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação [...] (AZEVEDO, 2016, p. 07).

O Cortiço mesmo sendo uma estrutura de moradia, com todos os problemas típicos dele, ainda era a melhor opção da classe operária, por ficar no centro do Rio de Janeiro, lugar onde era oferecido trabalho – “obrigação!”. Logo, Azevedo retrata de forma muito fidedigna o que acontecia na realidade carioca da época, afinal, é um romance com forte apelo crítico para as denúncias quanto à moradia, ao trabalho e pela falta de mobilidade urbana, o que favorecia o crescimento de cortiços na área central do Rio de Janeiro. Para o conceito de Lugar é importante analisarmos por meio do romance a descrição do cortiço enquanto lugar de afeto para uns e repúdio para outros. Assim:

Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta

implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo [...] (AZEVEDO, 2016, p. 08).

Percebemos, então, conforme Mello (2008), que os lugares são formados por símbolos dos mais diversos, e que esses lugares não precisam ser necessariamente palcos de grandes eventos para serem importantes. Isso significa dizer que podemos inferir do romance, um lugar carregado de afetividade daqueles que moram no cortiço, e isso fica explícito pela forma com que cada um demonstra, principalmente durante as festas noturnas realizadas por eles. Esses símbolos variam de acordo com a percepção de cada um, pois enquanto os moradores do cortiço o viam como lugar de alegria, de festa, de encontro, de pertencimento, Miranda e o próprio Romão, o viam como lugar de desordem, de tumulto, de proliferação de gente pobre e barulhenta.

Nessa direção, o Lugar se apresenta como uma maneira de compreender a complexidade do mundo que apenas pode ser percebida na prática e na vivência dos lugares. Lemos nas palavras de Milton Santos (2002, p. 158) que “muda o mundo e, ao mesmo tempo, mudam os lugares. Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente”.

Logo, será que esse lugar – o cortiço, ainda se mantém nos dias de hoje, mesmo depois de mais de 100 anos da publicação da obra de Azevedo? Essa pergunta se faz necessária diante de um quadro social que ainda se mantém atualmente, pois mesmo que muita coisa tenha mudado, ainda é possível vislumbrarmos a desigualdade na nossa sociedade. Vejamos a figura 2.

**Figura 2: Cortiços da atualidade: Lapa, Rio de Janeiro (2013)**



**Fonte:** Custódio Coimbra – Agência O Globo, 2013.

O que a figura de um homem sentado na cama, olhando para a televisão, em um cômodo típico de um cortiço pode nos revelar dentro da perspectiva de Lugar? Nos mostra a força do Lugar para a compreensão das formas de vida e de ocupação dos homens no espaço. O Lugar carregado de simbolismo, compreendido e apreendido pelos seus sujeitos, faz referência à cultura, aos seus valores de vida, a forma com que cada qual vê e sente/apreende o lugar, apropriando-se, na construção e reconstrução diária desses lugares enquanto seus espaços de vida.

Por fim, resgatamos algumas informações numa forma de sintetizar o que já dissemos até agora sobre o Lugar, reconhecendo que esse conceito embora possa parecer simples do ponto de vista teórico, quando aplicado na prática, e aqui tendo o romance, como exemplo, percebemos o quanto é complexo, primeiro porque não devemos considerar o Lugar como sendo apenas “um local”, esse desconexo e sem importância, segundo, porque esse conceito está intimamente relacionado a todos os outros, visto que é no Lugar onde se processam todas as transformações que impactam o global, onde o homem habita, transforma, restaura, degrada, personaliza etc. E todas essas implicações estão inter-relacionadas.

Ainda, quando olhamos para a globalização, fica ainda mais evidente o quanto o Lugar é importante, pois é partir dele que percebemos as contradições dos espaços. Na obra de Azevedo, essa contradição é a base crítica que fundamenta e alimenta a narrativa do início ao fim. Diferente do que é apregoada, a globalização atinge os lugares de maneiras diferentes, acentuando ainda mais as disparidades socioeconômicas, sobretudo em áreas pobres do planeta (SANTOS, 2000).

### **Considerações finais**

Pensando a Geografia enquanto ciência e disciplina que busca o entendimento de como as sociedades estabelecem relações com o espaço em que vivem e como desenvolvem suas atividades, em um processo contínuo de produção e reprodução deste espaço, este trabalho buscou, a partir da análise da categoria geográfica de Lugar, estabelecer um paralelo interdisciplinar com a Literatura, através da obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo.

Nesse sentido, pudemos perceber durante todo o texto como as características conceituais da categoria de Lugar se fazem presentes na obra literária, através dos hábitos da vida cotidiana dos personagens e das relações de aproximação e recusa deste espaço de vida de cada um deles. Nesse contexto, era na vida cotidiana desses personagens e nas relações conflitantes com este espaço de vivência e convivência (O Cortiço), que o lugar ia ganhando cada vez mais forma também enquanto construção imaterial, na construção da identidade individual e coletiva, por parte dos que habitavam o imóvel. “Nesse sentido, a construção do lugar se revela, fundamentalmente, enquanto construção de uma identidade, logo, a memória liga o tempo da ação ao lugar da ação, ao uso e a um ritmo” (CARLOS, 2018, p. 55).

Dessa maneira, o conhecimento da realidade passa pelo entendimento do conhecimento vivido e experimentado pelo aluno. O conhecimento é construído e reconstruído por meio das interações com os conteúdos escolares e o professor tem uma função fundamental nesse processo. Portanto, não é um conhecimento normativo apenas, mas reflexivo e encontra-se em constante transformação. Por isso, a importância da Literatura como recurso pedagógico para os alunos apreenderem os espaços das narrativas.

Com isso:

O aluno, portanto, se faz protagonista do seu conhecimento ao mesmo tempo em que recebe e que doa informações tanto ao seu colega quanto ao seu professor. E assim, a parte de cada um se torna um conjunto de saberes por meio de realidades diversas, contextos extremos que levam a um único objetivo por meio de um mesmo caminho: conhecimento em sala de aula. Esse conhecimento perpassa por uma série de etapas que o aluno se dispõe a viver, cabendo ao professor compreender e entender cada uma destas fases levando-os a quererem sempre mais (MENDES; PEREIRA; SOUSA, 2007, p. 166).

Logo, consideramos imprescindível para a eficácia da educação geográfica a relação intrínseca entre os saberes já adquiridos pelo aluno a partir do meio em que este se encontra inserido e os saberes geográficos a serem obtidos na escola. Tratar os saberes que os alunos carregam como irrelevantes é apresentar aos discentes apenas um espaço neutro que pouco interfere na sua vivência, colocando-os na posição de meros espectadores deste espaço desconhecido, ou até mesmo, colocando-os como pessoas sem história, sem vida, sem passado, como se fossem “folhas em branco”. Partindo desse pressuposto podemos compreender que:

O lugar próximo é oferecido como leitura inicial, pois o entendimento do contexto do aluno, de como ele se vê, como se reconhece neste lugar, como reconhece os outros, é o primeiro passo para que compreenda outros elementos identitários, em diferentes escalas geográficas (COSTELLA; SHAFFER, 2012, p. 65).

Com isso, buscamos neste artigo uma reflexão sobre a prática interdisciplinar, onde fosse possível fazermos essa conexão entre Geografia e Literatura. Acreditamos que o caráter motivacional deste artigo, de posse de um exemplo literário, pode despertar o professor para futuras práticas pedagógicas com seus alunos. Fazer a leitura de “O Cortiço” pelo viés geográfico é o grande desafio proposto, onde o professor pode depreender por meio da obra, situações e aspectos que podem ser interpretados pelo Lugar da Geografia. Aliás, o conceito de Lugar por ser o mais próximo do aluno, funciona como um “start” para diversos temas geográficos, no reconhecimento das transformações espaciais, como bem retratado criticamente por Azevedo em sua obra. Nesse sentido:

[...] o ensino da “Geografia” por meio do lugar retrata quem somos, demonstra características comuns e particulares, opiniões iguais como também contrárias. O mundo é observado por cada aluno como um espaço a ser conhecido, explorado e no instante que o professor consegue fazer relações com aspectos emocionais de cada um, ele consegue leva-los a imaginar outros contextos, mesmo que sejam utópicos. Por fim, a escola e o professor são uniões que leva cada estudante para um espaço geográfico simbólico particular, onde o “lugar” se faz presente por meio das singularidades que transformam o conhecimento em momentos de

inúmeras descobertas ligadas ao já conhecido e vivido no seu cotidiano (MENDES; PEREIRA; SOUSA, 2007, p. 166-167).

Em suma, discutir o Lugar enquanto categoria analítica geográfica, tendo uma base literária como apoio, configura-se como uma prática interdisciplinar que orienta a prática docente e estimula o pensamento crítico dos alunos por meio da leitura, porque tem na base literária um exemplo concreto, que marcou o início do processo de urbanização das grandes cidades brasileiras, neste caso, a cidade do Rio de Janeiro, e com consequências até os dias de hoje, principalmente pelo advento do surgimento das favelas, as sucessoras dos antigos cortiços.

### Referências

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, 2006. 4. ed.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro, 2016.

BARCELLOS, F. R. **Espaço, lugar e literatura**: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, jan./jun. de 2009.

BARTOLY, Flávio. **Debates e Perspectivas do Lugar na Geografia**. *GEOgraphia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF*, Niterói, RJ, v. 13, n. 26, 2011.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos**: Um Haussmann Tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. Editora FFLCH, São Paulo, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

CASTELLAR, Sônia. **A alfabetização em Geografia**. *Espaços da Escola*, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

COIMBRA, Custódio. Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/os-corticos-do-rio-10704667>. **Os Cortiços do Rio**. O Globo. Atualizado em 08 de novembro de 2013, às 18:21 – Acesso em: 22 de agosto de 2019.

- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).
- COSTELLA, Roselane Zordan; SHAFFER, Neiva Otero. **A geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012. 128p.
- DIAS, A. M. L.; LIMA, J .F. S e MORAIS, I .R. D. **Ensino de Geografia: Linguagem, representação e símbolos**. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012. Acesso em 05 de agosto de 2019.
- FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A interdisciplinaridade e as fronteiras do pensamento geográfico. In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário de. Orgs.). **A formação docente em geografia: teorias e práticas**. Campina Grande: EDUFPG, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. Título original: Le Droit à la Ville. Editora Centauro, São Paulo, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. – 7 ed. – Cortez, 2003.
- LIMA, T. C; VIANA, B. A. S. **Diálogo de Saberes: uma leitura do lugar geográfico na relação com a arte literária**. InterEspaço - Revista de Geografia e Interdisciplinaridade. Maranhão, v. 3, n.8, p.203-224, jan./abr. 2017. Acesso em 30 de setembro de 2019.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.
- MARX, K. **O Capital**. Capítulos I e V. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. **Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos “Deslugares”**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 167-174, 1993-2008.
- MENDES, R. A; PEREIRA, A. J; SOUZA, E. S. **A Importância da Categoria Lugar no Ensino de Geografia: um estudo de caso na escola Estadual Modelo em Araguaína – TO**. Revista Tocantinense de Geografia, Araguaína (TO), Ano 06, n. 11, p. 153-169, set./dez. de 2017.
- MORAES, Antonio C. R.; COSTA, Wanderley M. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MOREIRA, Ruy. Ontologia. In: **Pensar e ser em Geografia 2ª reimpressão**- São Paulo: Contexto, 2010. p. 131-182.
- Parâmetros curriculares nacionais: geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.



PONTUSCHKA, NidiaNacib; PAGANELLI ,TomokoIyda; CACETE, NúriaAnglei. Textos escritos. In:\_\_\_\_\_. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 217- 258.

RELPH, Edward (1976). *Place and Placelessness*. London: Pion.

REVISTA ILUSTRADA. Capa. **Revista Ilustrada**, Capital Federal, nº 656, 1893. Disponível em: <<http://www0.rio.rj.gov.br/cultura/site/img/roubo/Rev%20Ilustrada%20-6531893.jpg>>. Acesso em: 09 de agosto de 2019.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. História da Urbanização no Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil. In: CARNEIRO, S.; SANT'ANNA, M.J.G. (org.). **Cidade: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamont, 2009, p.85-120.

SANTOS, Daniela Soares. **O Cortiço**: Higienização de Casas e Formação de Almas. História e Perspectivas, Uberlândia, Jan.Jun. 2006. p. 261-294.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**: Do Pensamento Único à Consciência Universal. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Maria Adélia de. **O Lugar de Todo Mundo**. A Geografia da Solidariedade. Conferência feita no I Encontro Internacional de Geografia da Bahia, 1997.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VAZ, Lilian Fessler. **Dos cortiços às favelas e os edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro**. *Análise Social*, v. 29, n. 127, p. 581-597, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador – A leitura em seus discursos**. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

*Submetido em fevereiro de 2020.  
Aprovado em maio de 2020.*

### Informações sobre os autores:

Rafael Alves de Freitas

Graduado em Geografia (Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Graduado em Sistemas de Informação (Bacharelado) pela Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC). Atua nas seguintes linhas de pesquisa: Geografia Humana, no estudo sobre o Lugar; Geografia Cultural; Interdisciplinaridade e Ensino de Geografia e Educação a Distância.

*E-mail:* [uerj.raf@gmail.com](mailto:uerj.raf@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9050-5939>

*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8930068948483741>

José Silvan Borborema Araújo

Pós-doutorando e Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (UERJ), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – (UFPE) e Graduado em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB). Atua nas seguintes linhas de pesquisa: Geografia Agrária, principalmente nos temas relacionados a espaços periurbanos, relação cidade/campo, rural/urbana e relações agrárias. Além do Ensino de Geografia.

*E-mail:* [silvan.borboremaa@gmail.com](mailto:silvan.borboremaa@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4147-2616>

*Link* Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5808991490709537>

---

<sup>i</sup> Geografia Crítica, denominada também de Marxista ou Radical, tem sua base filosófica no materialismo histórico e dialético, desenvolvido por Karl Marx entre 1840 e 1880. A essência deste paradigma está no rompimento com o Positivismo e no entendimento do espaço geográfico como produto social. Em termos didáticos, esse paradigma teve grande repercussão nos Ensinos Fundamental e Médio no Brasil (MORAES, 1987).

<sup>ii</sup> A ideia do local relaciona-se a uma noção cartográfica, ao sentido exato de apontar onde está alguém ou algo. O lugar possui uma localização no espaço, contém o local, mas vai muito além dele. Para Susanne Langer, o lugar é culturalmente definido, já o local é uma qualidade incidental do lugar, definida pela cartografia (RELPH, 1976). Fred Lukermann acredita que um lugar não é só o onde de alguma coisa, mas é o local somado a tudo que está implícito como o aspecto essencial da base fenomenológica da geografia (apud RELPH, 1976). Para Santos – “para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo encontra-se em toda parte” (SANTOS, 2009, p. 314).